

Dependência internacional

A economia brasileira precisou nada mais, nada menos do que R\$ 49,7 bilhões de financiamento externo para fechar suas contas do terceiro trimestre deste ano. Esse é o maior valor para o período desde o início da série histórica, em 2000, de acordo com dados divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O montante ficou R\$ 6 bilhões acima dos R\$ 43,7 bilhões registrados em 2013 e se refere, principalmente, ao aumento de R\$ 4,6 bilhões no volume de remessas de lucros e dividendos para o exterior.

Na avaliação de Vinicius Botelho, pesquisador de Economia Aplicada do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), o aumento desse rombo externo é preocupante. Ele afirma que o país precisará fazer uma correção da perda de riqueza em relação ao mundo com a desvalorização do real assim que o déficit externo chegar a 5% do Produto Interno Bruto (PIB) — atualmente está perto de 4%. Para Botelho, o Investimento Externo Direto (IED), que deve chegar a US\$ 63 bilhões neste ano, não será suficiente para cobrir o rombo com o resto do mundo, que deve superar os US\$ 80 bilhões no ano passado.

“É preciso ficar atento. O país necessita cada vez mais de financiamento externo. Isso é um sinal de fragilidade, num momento em que a política monetária dos Estados Unidos está se ajustando. O Brasil poderá ter dificuldade de financiar esse déficit no futuro apesar de as reservas estarem em um patamar elevado”, explicou ele.

Para o professor de Finanças do Insper, Alexandre Chaia, a falta de políticas mais eficientes por parte do governo não criou ambiente favorável para os investidores e deteriorou o estoque de capital. “A infraestrutura continua ruim. Se melhorasse, os custos logísticos cairiam e isso teria impacto na balança comercial e ajudaria a reduzir o déficit em conta-corrente”, destacou. (RH)